

Perspectiva dos professores do Ensino Médio de escolas públicas de Boa Vista sobre Educação Ambiental em suas disciplinas

Perspective of high school teachers of public schools in Boa Vista on Environmental Education in their disciplines

Graciele Oliveira dos Santos

Universidade Estadual de Roraima - UERR
Email: gracioliveiragb@hotmail.com

Luciana da Silva Bekman

Universidade Estadual de Roraima - UERR
Email: lucianabekman@gmail.com

Ivanise Maria Rizzatti

Universidade Estadual de Roraima - UERR
Email: niserizzatti@gmail.com

Juliane Marques de Souza

Universidade Estadual de Roraima - UERR
Email: juliane.marques.souza@gmail.com

Régia Chacon Pessoa de Lima

Universidade Estadual de Roraima - UERR
Email: regiachacon@ig.com.br

Resumo

A Educação Ambiental é considerada parte essencial para a conscientização dos estudantes, professores e sociedade, visto que estimula a mudança de percepção da relação homem/natureza e favorece o desenvolvimento sustentável. Por conseguinte, o objetivo do presente trabalho é apresentar a perspectiva dos professores da modalidade Ensino Médio de seis escolas públicas de Boa Vista – RR, sobre a Educação Ambiental (EA). A pesquisa tem característica descritiva, de natureza qualitativa, com dados obtidos por meio de questionário aplicado a 20 professores, no qual foi possível averiguar, por análise de conteúdo, seu posicionamento diante da EA. Os resultados apontaram que os professores apesar de considerarem a EA importante e interdisciplinar, não envolvem a temática em suas disciplinas.

Palavras chave: docente, percepção ambiental, sustentabilidade e educação ambiental.

Abstract

Environmental Education is considered an essential part for the awareness of students, teachers and society, as it stimulates change in perception of the relation between man and nature and promotes sustainable development. Therefore, the objective of the present work is to present the perspective of high school teachers of six public schools of Boa Vista - RR, about Environmental Education (EE). The research has a descriptive characteristic and a qualitative nature, with data obtained through a questionnaire applied to 20 teachers, in which it was possible to ascertain, by content analysis, their positioning in relation to the EE. The results pointed out that teachers, despite considering EE important and interdisciplinary, do not discuss the thematic in their classes.

since it stimulates a change of perception of the relation between man and nature and favors the sustainable development

Key words: teacher, environmental perception, sustainability and environmental education.

Introdução

As pesquisas concretizadas na área de ensino são realizadas há muitos anos por vários pesquisadores e ainda que sejam recentes na área de Educação Ambiental, a cada ano estão mais ricas em conteúdo. Assim, todos os trabalhos e levantamentos teóricos nesta área são muito importantes e válidos para orientar e direcionar acadêmicos e professores.

Proporcionar a aprendizagem dos alunos é o objetivo almejado por todos os professores, inclusive os das disciplinas de Ciências, e utilizar-se de meios para alcançar esse objetivo requer que os educadores busquem novas alternativas a serem inseridas nas salas de aula.

Para tanto, a presente pesquisa tem como enfoque proporcionar uma reflexão sobre a percepção dos professores de diversas áreas de seis escolas estaduais do município de Boa Vista Roraima acerca da Educação Ambiental, numa perspectiva de conhecimentos e identificação pessoal e profissional. Deste modo, o tema escolhido para o desenvolvimento deste trabalho relaciona-se com as atividades desenvolvidas por professores nas salas de aulas, dos conteúdos relacionados à Educação Ambiental, bem como a realidade vivida por professores e alunos, além dos problemas enfrentados por estes sujeitos na comunidade escolar.

A formação de professores numa perspectiva da Educação Ambiental

Para discorrer sobre a formação de professores, antes de tudo, faz-se necessário conceituá-la. Diante disso, adota-se o pensamento de Zabalza e Gonzáles (1999), que a define como um processo de desenvolvimento humano:

O processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de plenitude pessoal [...] Inclui problemas relativos aos fins e/ou modelos a alcançar, os conteúdos / experiências a assumir, às interações sujeito-meio, aos estímulos e plano de apoio no processo. Mantém relação com o ideológico-cultural, como espaço que define o sentido geral dessa formação como processo (ZABALZA e GONZÁLEZ *apud* GARCIA, 1999, p. 19).

Para Almeida Filho (1997), o “professor desenvolvido” é aquele que reflete sobre sua prática, que tem uma visão do que o ensino aprendizagem significa e não está apenas preenchendo o tempo com atividades que nem sabe o que promovem e nem por que estão ali. Reafirmando a fala do autor, Prabhu (1992, p. 26), entende-se que:

Uma mudança nas rotinas de sala de aula só poderá levar à aprendizagem à medida que for motivada e sustentada pela exploração conceitual pelos próprios professores. Isso envolve os professores sendo seus próprios teóricos, e especialistas interagindo com professores como parceiros. O professor [...] é um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças.

Sob o mesmo posto de vista, Almeida Filho (2004, p.11) descreve que:

É necessário que o professor esteja em contato simultâneo com a ciência relevante produzida na área cerne, isto é, a da estrutura e funcionamento dos processos de ensino e aprendizagem de línguas. Esse contato se concretiza na leitura de livros e artigos científicos, na frequência a cursos formativos, na participação em eventos e palestras nos quais o professor tem a chance de dialogar com o pensar científico corrente da área [...] é justamente o diálogo iluminado por teorizações relevantes externas ao professor que intensificará ao máximo a prática reflexiva.

Para um melhor entendimento do assunto, faz-se necessário abordar a questão conceitual sobre a necessidade de o professor ser um “professor reflexivo”, em que reflexão remete ao ato de pensar e repensar sobre algo, e tomar decisões. Assim, percebe-se que a reflexão acontece de forma individual, onde cabe a cada um tomar sua decisão de (re)pensar sobre suas ações e possíveis mudanças.

No tocante ao conceito de reflexão, pode-se dialogar com Freire (1984, p. 67-68), que aborda este conceito como “o que teríamos que fazer, então seria como diz, Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar, como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar”. Pois para ele, o momento da formação permanente dos professores, deve estar pautado na ação-reflexão-ação, crítica sobre a prática docente, que envolve o processo ensino e aprendizagem. Assim, este processo de formação implica um movimento dinâmico, dialético, entre o fazer, e o pensar sobre o fazer. Esta reflexão deve resultar numa tomada de consciência que modifique e redirecione o fazer pedagógico do professor pautado na reflexão crítica (FREIRE, 1993).

Logo, uma boa base pedagógica, principalmente na área de formação científica, faz muita diferença no futuro dos profissionais e no seu campo de atuação, envolvidos neste processo a reflexão, motivação e prática pedagógica.

Educação Ambiental

Toda parte que antecedeu essa seção, incita a reflexão sobre a atuação em relação ao ambiente, como professores, pesquisadores, ativistas ou entusiastas da Educação Ambiental (EA). Segundo Marcatto (2002), nos anos de 1950, a Terra manifestou seus primeiros indícios de degradação, o efeito o “*smog*”, poluição atmosférica de origem industrial que ocasionou diversas mortes da população das cidades de Londres e Nova York, em Minamata milhares de pessoas foram contaminadas, vindo a óbito pela ação do mercúrio presente nos dejetos de uma fábrica que eram lançados na Baía, que deu origem ao nome da cidade. Todas essas catástrofes foram promovidas pela era Industrial. Têm-se aqui os primeiros impactos ambientais em razão das atividades humana desordenada, e continua-se a exploração dos

recursos naturais do planeta (água, minérios, petróleo, energia e outros) em nome do progresso.

Assim, consideram-se alguns desses impactos ambientais, a saber: a explosão demográfica, que promove o crescimento das cidades sem planejamento de moradia e infraestrutura básicas, contaminação dos alimentos por agrotóxicos, poluição dos rios e mares, mudanças climáticas, queimadas e desmatamento das florestas além dos desastres ecológicos em nível mundial. No Brasil o desastre ambiental mais recente ocorreu em 2015, no município de Mariana, Estado de Minas Gerais, onde houve o rompimento da barragem de uma mineradora, devastando todo o ambiente dessa região e localidades próximas com milhares de metros cúbicos de rejeito de minérios de ferro e outros metais, que contaminaram a fauna, flora, solo e água. Em Roraima, a crescente de desmatamento avança significativamente sobre a floresta, enquanto que no lavrado roraimense a cultura da soja passa a substituir a vegetação nativa. No tocante a esfera social da degradação ambiental, o recebimento de milhares de imigrantes venezuelanos em virtude da crise política do país vizinho, sem uma política de acolhimento por parte do poder público brasileiro, tem levado milhares de famílias a viver em condições sub-humanas.

Diante disso, cabe aqui exprimir: com essa degradação do ambiente, que concepções os professores da modalidade de ensino médio das escolas estaduais de Boa Vista – RR têm sobre a Educação Ambiental? Quais são suas ações em sala de aula na busca de sensibilizar e desenvolver o senso crítico nos alunos em relação às problemáticas ambientais? Que movimentos estes professores realizam para transformar suas atitudes e da comunidade escolar no qual estão inseridos?

Para tanto, buscou-se essas respostas junto aos professores da rede de ensino, na modalidade do ensino médio, como descritos na seção três.

Materiais e métodos

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, pois objetiva-se analisar a percepção dos professores acerca da EA, levando em consideração os conceitos sobre postura e abordagem da EA nas salas de aulas. Foram entrevistados 20 professores, que ministram aulas na modalidade do ensino médio, lotados em seis escolas da Rede Pública Estadual de Roraima, localizadas nas zonas Norte e Oeste da cidade de Boa Vista.

A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa se procedeu à coleta dos dados por meio da aplicação dos questionários realizados em: uma escola da Zona Norte (ZN) e em cinco escolas da Zona Oeste (ZO). Na segunda etapa, ocorreu a tabulação e fundamentação das respostas, com base em autores que abordam a temática. O trabalho foi realizado com a utilização das seguintes técnicas de pesquisa: pesquisa de campo, e; descrição da pesquisa e levantamento de referências. Pode-se dizer que esta pesquisa, dentro da investigação descritiva, se caracteriza por um estudo de caso, pois a grandeza e comportamento das variáveis, relacionadas a um pequeno grupo social, permitem a subjetividade de quem investiga, o qual se torna um observador permanente, convertendo suas observações em dados finais. Estes são produzidos a partir do requisito da frequência em que aparece a conduta em questão e se aplica o tratamento observado à mudança produzida (CHAVES, 2001).

Quanto ao tratamento ético da pesquisa, não serão mencionados nomes pessoais, com o objetivo de preservar os 20 professores, dessa forma, cita-se letras e números para identificá-los: (N1 a N10) refere-se aos professores da ZN e (O1 a O10) os professores da ZO.

A tabulação dos dados qualitativos, resultantes dos questionários, revelou a percepção dos professores acerca da EA, e os dados foram tabulados e organizados na forma de tabela e gráficos interpretados de acordo com as referências que tratam da temática.

Resultados e discussão

Diante da aplicação e obtenção dos resultados dos questionários, segue-se a exposição da caracterização da percepção da EA dos professores da rede pública, que atuam no Ensino Médio de seis escolas estaduais do município de Boa Vista – RR.

a) Perfil dos professores das Zonas Oeste e Norte do município de Boa Vista:

Apresenta-se aqui um dado geral dos professores das cinco escolas da Zona Oeste (ZO), tendo eles faixa etária entre 30 e 50 anos, sendo sete do sexo feminino e três do sexo masculino. Os professores da Zona Norte (ZN), sendo apenas de uma escola, têm faixa etária entre 38 a 50 anos, destes, seis são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Quanto à escolaridade, os dez professores da ZO possuem ensino superior completo em áreas diversificadas como: um na área de Matemática, um em Letras, cinco em Química e três em História. Sendo que, destes, quatro possuem especializações. Contudo, a média de tempo de atuação é de 11 anos e todos lecionam na modalidade do Ensino Médio Regular (EMR), porém um destes atua também no Ensino Fundamental e outro na Educação de Jovens e Adultos.

Já ZN, os dez professores consultados, além da licenciatura em áreas específicas, sete são especialistas e três possuem mestrado. Com média de atuação na docência de 15,6 anos no EMR. Destes, seis trabalham com alunos do EMR, sendo que há aqueles que, além desse nível, também atuam em outros, conforme o número e as modalidades descritas: dois no Ensino Fundamental II, um no nível superior e outro no Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissionalizante. Quanto às licenciaturas dos dez professores: dois são licenciados em Física, dois em Biologia, um em Matemática, dois em Letras, dois em Química e um em Geografia.

b) Das questões sobre Educação Ambiental (EA)

Os entrevistados foram questionados sobre a existência da EA, unificando-se aqui os 20 entrevistados (professores da ZN e da ZO), 5% não respondeu esta questão, e 95% afirmaram que já ouviram falar em Educação Ambiental. Ao serem questionados sobre o que eles entendiam por EA, obteve-se as respostas subjetivas como transcritas nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1. Respostas dos professores entrevistados nas cinco escolas da ZO.

O1	<i>“Uma forma de conscientizar a população a preservar o planeta”.</i>
O2	<i>“Não opinou”.</i>
O3	<i>“Um forma de conscientizar os alunos sobre o cuidado com a natureza”.</i>
P4	<i>“São conhecimentos básicos e fundamentais para uma sociedade se desenvolver de forma sustentável”.</i>
O5	<i>“Conjunto de saberes que leva o indivíduo a se colocar num sistema integrado de seres vivos”.</i>
O6	<i>“Conhecimentos fundamentais para a relação homem e natureza”.</i>
O7	<i>“O convívio do homem com a natureza”.</i>
O8	<i>“Relação do homem com o meio ambiente”.</i>
O9	<i>“Toda ação educativa que contribui para a formação de cidadãos conscientes da preservação do ambiente”.</i>
O10	<i>“Conjunto de conhecimentos necessários para uma mudança de comportamento entre o homem com a natureza”.</i>

Quadro 2. Respostas dos professores entrevistados na escola da ZN.

N1	<i>“É um conjunto de atitudes em que aborda a conscientização e a sensibilidade com o seu meio, ou seja, hábitos ecológicos”.</i>
N2	<i>“Educar para manter limpos todos os ambientes e preservar”.</i>
N3	<i>“São atitudes, valores e conceito que proporcionam melhor compreensão sobre a interação entre os homens, o ambiente e os demais seres vivos”.</i>
N4	<i>“Não tentar destruir o que já existe”.</i>
N5	<i>“Acredito que seja sobre o comportamento/atitude do homem em relação ao meio ambiente”.</i>
N6	<i>“Todo o ensino voltado para a conscientização da importância da preservação ambiental”.</i>
N7	<i>“Levar o homem a compreensão que ele faz parte da natureza, e não um membro isolado”.</i>
N8	<i>“Conteúdo onde se trabalha questões ambientais, como poluição, como reciclagem, desequilíbrio, entre outros assuntos”.</i>
N9	<i>“Conscientizar os alunos sobre o tema”.</i>
N10	<i>“Consiste em um processo educativo que visa preservar o habitat que vivemos de forma consciente e sustentável”.</i>

Conforme o exposto nos Quadros 1 e 2, os professores das diferentes áreas do conhecimento trazem consigo conceitos do que seja a Educação Ambiental. Para tanto, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (p.21, 1977), para a autora “em uma análise qualitativa, o que serve de informações é a frequência com que surgem certas características do conteúdo”; assim sendo, nas leituras e transcrições dos dados dessa questão, usou-se as categorias de análises da ausência ou presença de palavras chaves que apontaram indícios do conceito de Educação Ambiental, sendo selecionados apenas os seguintes professores:

Da ZN, dois professores usaram a relação do homem com o meio ambiente como resposta, segundo as transcrições...

N7 – *“Levar o homem a compreensão que ele faz parte da natureza, e não um membro isolado”.*

N3 – *São atitudes, valores e conceito que proporcionam melhor compreensão sobre a interação entre os homens, o ambiente e os demais seres vivos”.*

Nas escolas da ZO três professores responderam que são ações de conhecimentos para o bom relacionamento do homem com o Ambiente; conforme transcrições...

O5- *“Conjunto de saberes que leva o homem o indivíduo a se colocar num sistema integrado de seres vivos”.*

O6 – *“Conhecimento fundamentais para relação homem e natureza”.*

O10 – *Conjunto de conhecimentos necessários para uma mudança de comportamento entre o homem com a natureza”.*

Sobre a EA, entre os 20 entrevistados, esses professores foram os que mais se aproximaram daquilo que aponta o Art 1º da Lei nº 9795/1999, da Política Nacional de Educação Ambiental:

"Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade."

Assim como Marcatto (p.14, 2002), define que EA “são ações contínuas e participativas, no qual as pessoas envolvidas são agentes transformadores, que buscam alternativas para a redução de impactos ambientais e para o controle social do uso dos recursos naturais”.

O que leva a inferir que esses cinco professores apresentam parcialmente uma compreensão do que seja a Educação Ambiental.

Ainda neste pressuposto, quando perguntado se eles trabalham ou já trabalharam a EA em suas disciplinas, tanto os professores da ZN como da ZO, 60% afirmaram que “sim” e 40% disseram que “não” trabalharam/trabalham com a EA em suas disciplinas. No entanto, os professores que disseram trabalhar/trabalham com a EA, tanto da ZO como ZN, quando solicitado exemplos desses trabalhos, obteve-se os seguintes dados como mostra os Quadros 3 e 4:

Quadro 3. Respostas dos professores entrevistados nas cinco escolas da ZO.

O3	<i>“Descarte adequado de materiais eletrônicos”.</i>
O5	<i>“Evitar desperdícios, não produzir lixo na sala”.</i>
O7	<i>“História do lixo e água”.</i>
O8	<i>“Contaminação dos rios”.</i>
O9	<i>“Química Ambiental”.</i>
O10	<i>“História da migração e imigração”.</i>

Quadro 4. Respostas dos professores entrevistados nas escolas da ZN.

N1	<i>“Já cheguei a trabalhar e também foi ministrando palestra”.</i>
N2	<i>“Em redações”.</i>
N3	<i>“Integrando o Tema Trabalho, a reflexão voltada formação do sujeito ecológico”.</i>
N6	<i>“Projeto escola Limpa/Aluno saudável”.</i>
N7	<i>“Projeto ambiental de visitação a parque e igarapés do nosso município”.</i>
N8	<i>“Sim, trabalho um projeto Igarapé Curupira, preservar para não acabar”.</i>

Contudo, quando questionados como esses desenvolvem, na prática, o ensino de EA, foram dados os seguintes exemplos, como mostra os quadros 5 e 6:

Quadro 5. Transcrição das respostas dos professores das escolas ZO.

O1, O2 e O6	<i>“Não”.</i>
O3 e O7	<i>“Textos”</i>
O4	<i>“Diariamente com palestras”.</i>
O5	<i>“Textos contextualizados e ações”.</i>
O8	<i>“Visitas in loco”.</i>
O9	<i>“Aulas expositivas e aulas práticas”.</i>
O10	<i>“Aulas expositivas”.</i>

Quadro 6. Transcrição das respostas dos professores da escola da ZN.

N1	<i>“Com atitudes e despertando”.</i>
N2	<i>“Questionamento, filmes, exemplos”.</i>
N3	<i>“Integrando o Tema Trabalho, a reflexão voltada formação do sujeito ecológico”.</i>
N4, N5 e N9	<i>“Não”.</i>
N6	<i>“Visitas de campo”.</i>
N7	<i>“Visitação ao lixo”.</i>
N8	<i>“Aulas expositivas e projetos”.</i>
N10	<i>“Não opinou”.</i>

Fica evidente, com essas afirmações, que, tanto dos professores da ZO como da ZN que trabalham ou trabalharam EA, há uma percepção superficial do que seja mesma, como defende Ramos (p.215, 2001):

A educação ambiental não pode limitar-se à explicação de como funcionam os ciclos naturais, restringir-se ao incentivo para que as pessoas amem e respeitem a natureza. Isso, de uma forma ou de outra, já é feito nas escolas há muito tempo. Também não pode pretender, apenas, normatizar o comportamento do homem diante da natureza, anunciando o que pode ou não pode ser feito em relação à natureza.

Costa (2015), em pesquisa realizada com professores da rede estadual de ensino do município de Rorainópolis/RR, identificou o mesmo reducionismo na percepção do que vem a ser a educação ambiental por parte dos docentes. Para a autora, prevalece um olhar especializado e fragmentado dessa área de conhecimento. Dentre as práticas, prevalecem aquelas pontuais, relacionadas a dias temáticos como “Semana do Meio Ambiente” e pouco relacionadas à necessidade de mudança de comportamento e empoderamento dos estudantes para que sejam de fato agentes transformadores na sociedade.

A educação deve se orientar de forma decisiva para formar as gerações atuais não somente para aceitar a incerteza e o futuro, mas para gerar um pensamento complexo e aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir num processo contínuo de novas leituras e interpretações, configurando novas possibilidades de ações (JACOBI, 2003, p.190).

Diante destes dados, ressalta-se a importância da contextualização dos conteúdos aplicados na sala de aula. Para Marandino et al (2009), o conhecimento deve ultrapassar os muros da escola, no qual o aluno tem a oportunidade de visualizar a teoria dentro da prática, e estes espaços induzem na motivação e construção do conhecimento destes sujeitos. Relacionando com a EA, destaca-se a importância deste contato, contextualizado com o mundo que proporciona uma visão diferente dos indivíduos. Carvalho (2011) salienta que cabe ao educador ambiental a tarefa de ser um intérprete e tradutor desse mundo, uma vez que sua vivência e envolvimento com as condições ambientais lhe permite os correlacionar conhecimentos das ciências à complexidade das questões sociais e ambientais.

Outra questão abordada na aplicação do questionário foi: “Você acredita que na sua disciplina é fácil aplicar a questão ambiental?”. Dos vinte professores consultados, 70% afirmaram que acreditam na fácil inserção da temática em suas disciplinas e, 30% garantem que não há possibilidade.

E, quando perguntado aos professores o *porquê*, foram obtidas as seguintes respostas, como apresentados nos gráficos 1 e 2:

Gráfico 1- Opções de respostas dos Professores das escolas da ZO.

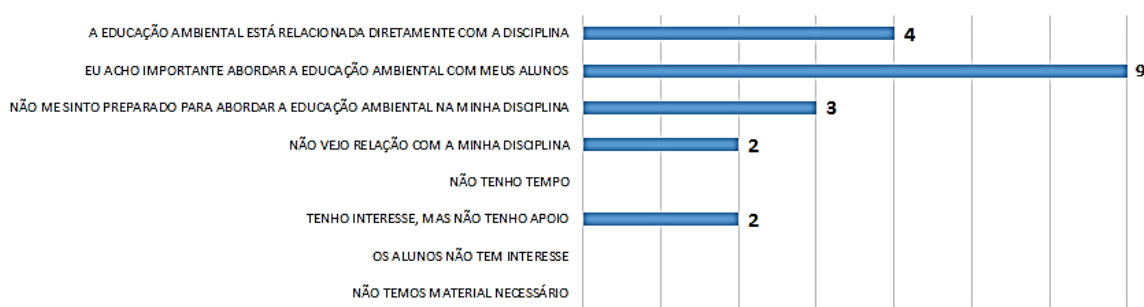
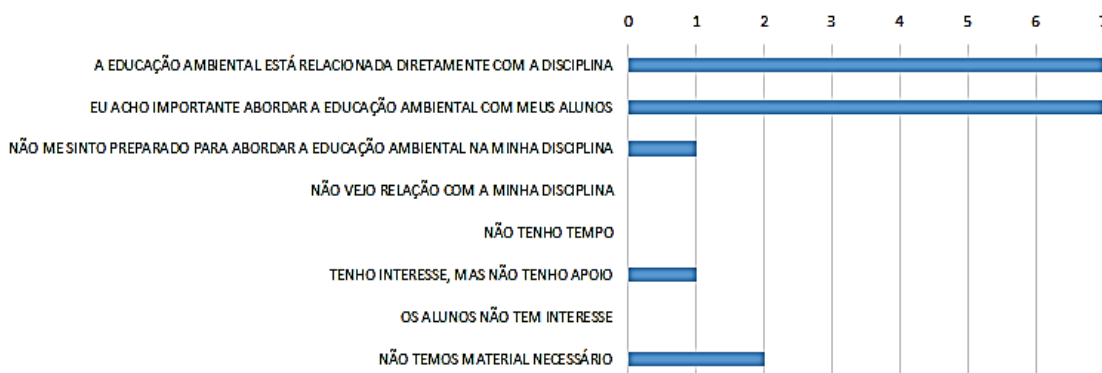


Gráfico 2- Opções de respostas dos Professores das escolas da ZN.



Percebe-se aqui, nesses dados, que a maior parte dos professores compreende que EA está relacionada com suas disciplinas e acreditam que seja importante trabalhar com os alunos. O que está ausente nesses professores é a epistemologia ambiental como citado por Leff (p.14, 2002), pautada numa política e sustentabilidade da vida o qual “muda as formas de ser no mundo na relação que o ser estabelece com o pensar, com o saber e o conhecer”.

Outra pergunta feita aos professores: “Como deveria ser desenvolvida a EA nas escolas?”. Nessa questão havia quatro opções de múltipla escolha, sendo aceito mais de uma resposta, dentre as quais se tinham: De maneira Interdisciplinar; Apenas na disciplina de Ciências; Nas disciplinas de Ciências e Geografia e Deveria ser introduzida como uma nova disciplina curricular.

Dessas, a mais assinalada pelos professores da ZN foi aquela em que apareceu nove vezes, onde estes acreditam que a EA deve ser desenvolvida de forma interdisciplinar; e outra apontada duas vezes foi aquela em que acreditam que a EA poderia ser introduzida como uma nova disciplina curricular. Já os professores da ZO, indicaram oito vezes a maneira interdisciplinar e como uma nova disciplina curricular, essa também foi selecionada duas vezes por esses professores; as demais opções não foram selecionadas por ambos os professores. Aqui é possível inferir que a maioria dos professores reconhece que a EA tem possibilidade de ser trabalhada de forma interdisciplinar, assim como defende Loureiro (2013, p. 5):

A abordagem interdisciplinar das questões ambientais implica em utilizar a contribuição das várias disciplinas (conteúdo e método) para se construir a compreensão e explicação do problema tratado e desse modo, superar a compartimentação e a fragmentação do saber.

Quando perguntado para esses professores se estes haviam participado de alguma oficina ou curso de capacitação continuada em EA, unificando-se a análise das respostas (professores da ZN com professores da ZO): 50% disseram que sim, 45% afirmaram que não e 10% responderam que não tem interesse por nenhum curso ou capacitação.

É profícuo ressaltar que, é necessário que o professor esteja num constante processo de formação e reformulação de seu conhecimento e que, esteja sempre em contato com a ciência. Assim, o espaço de formação continuada do professor passa a ser a escola e o conteúdo dessa formação, a sua prática educativa. Nessas circunstâncias, segundo Almeida (2002, p.28), o professor reflexivo será “um investigador da sala de aula, formula suas estratégias e reconstrói a sua ação pedagógica”, num movimento de idas e vindas ao seu fazer pedagógico. Não obstante, Silva (2002, p.28) afirma que, “a prática transforma-se em fonte de investigação, de

experimentação e de indicação de conteúdo para a formação”, ou seja, o processo de aperfeiçoamento e capacitação possibilita o ensino aprendizagem de professores e alunos.

Ademais, quando indagado aos professores se são oferecidas oportunidades para aperfeiçoamento do professor em EA; as respostas dos professores por Zonas são apresentadas nos gráficos 5 e 6.

Gráfico 5- Respostas dadas pelos professores da ZN.

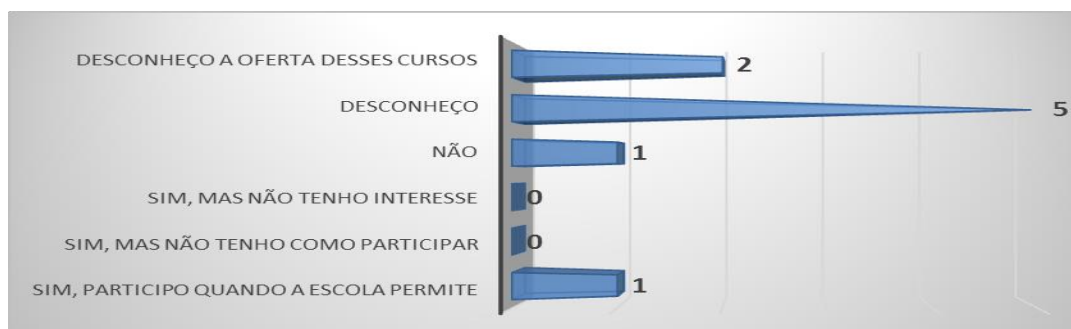


Gráfico 6- Respostas dadas pelos professores da ZO.



Nessa questão havia possibilidade dos professores elegerem mais de uma opção, para interpretação, unificando-se aqui as análises dos gráficos 5 e 6, obtém-se: quatro afirmações em que os entrevistados desconhecem a oferta de cursos específicos na área de EA; dez desconhecem a oferta de qualquer tipo de curso e, uma afirmação para o “sim, mas não tenho como participar” e duas afirmaram que “sim, participo quando a escola permite” e “sim, mas não tenho interesse”. Um dos docentes não respondeu essa questão.

Mostra-se aqui mais uma síntese das respostas do número dos docentes em relação à importância de ofertas de cursos de capacitação/atualização dos professores em EA: 45% dos desses acreditam ser urgente essa capacitação, os outros 45% afirmam ser indispensável e apenas 10% admitem ser dispensável.

Em Roraima havia o Departamento de Educação Ambiental, na Secretaria Estadual de Educação e Desporto, a qual seria a responsável pela formação continuada dos docentes em EA, bem como na oferta de cursos que tratassem da Agenda 21. Esse departamento, atualmente extinto, informava ter desenvolvido esse curso de formação e atendido a todos os municípios do estado de Roraima (Costa, 2015). Ademais, existe no estado o CEFORR (Centro Estadual de Formação dos Profissionais da Educação de Roraima), o qual oferece anualmente os mais diversos cursos de formação continuada para docentes da rede básica de ensino. O desconhecimento por parte dos docentes se contrapondo às informações disponibilizadas pela secretaria de educação indica, no mínimo, a necessidade de

reestruturação dessa interface escola/secretaria de maneira a garantir a participação docente nas ações oferecidas, uma vez que a formação continuada em EA traduz-se como importante ferramenta para:

“desenvolver capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas ambientais, para mobilizar-se no intuito de fazer-lhes frente e, sobretudo, para comprometer-se com uma tomada de decisões, entendendo o ambiente como uma rede de relações entre sociedade e natureza” (Carvalho, 2011, p. 181).

E, por fim, foi perguntado se estes acreditam que a EA promove a mudança de postura do aluno em relação ao meio ambiente, novamente, todos foram unânimes ao afirmarem que “sim”.

Diante disso, percebem-se as implicações da EA praticadas por esses professores, suas percepções são “pontuais e desconectados do todo”, aquela que Prasniski (2013), conceitua como EA conservadora, ou seja, princípios tais como: dinamismo integrativo, transformador, participativo, abrangente, globalizador, permanente e contextualizador como aponta Marcatto (2002), sobre EA, estão ausentes nos argumentos e ações desses professores consultados.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, percorreu-se uma análise histórica sobre a formação de professores, cujo decurso dessa formação irá influenciar na vida dos docentes, tornando-os, ou não, professores reflexivos e/ou compreensivos a novas práticas pedagógicas em temas essenciais ao mundo escolar. Para tanto, foram discutida a temática Educação Ambiental nas salas de aula e o posicionamento dos professores diante desta temática. Analisaram-se os métodos adotados pelos profissionais para debate da EA na sala de aula e a importância da educação escolar em proporcionar condições para os estudantes construir sua identidade social e política, para prática da cidadania e de seu comportamento na sociedade.

Na análise dos gráficos notou-se um descaminho entre as propostas pedagógicas e as práticas educativas. Percebeu-se, então, que o nível de envolvimento dos docentes nas atividades de Educação Ambiental é relativamente baixo, considerando que a maioria dos professores observa a importância de abordar a temática na sala de aula, porém, muitos se limitam a sua formação, disponibilidade e apoio da escola.

Outra questão observada na análise dos resultados sobre a EA foi visão dos professores sobre o currículo escolar, no qual, muitos se limitam a trabalhar conteúdos descritos e relacionados à sua disciplina, sem considerar a interdisciplinaridade e uma possível mudança no processo de ensino aprendizagem. Neste pressuposto, somente os professores das disciplinas que compõem o campo das ciências se interessam em abordar a temática EA em sua disciplina. Este fato altera visivelmente a questão ambiental e os problemas que o meio ambiente vem sofrendo há tempos.

Sendo assim, devem-se buscar caminhos que mostrem horizontes para uma educação de qualidade, no qual os professores se sintam motivados a ensinar, experimentar e criar, e os alunos realmente aprendam e visem à importância de cada disciplina. Não bastando apenas estar sensível às questões sobre a EA, mas estar preparado para enfrentar esses desafios. Neste pressuposto, é sugerida uma possível parceria entre as Instituições de Ensino Superior - IES e o CEFORR a fim de trabalhar em prol da formação continuada de professores acerca da Educação Ambiental.

Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. O professor de língua(s) profissional, reflexivo e comunicacional. In: **Horizontes de Lingüística Aplicada**. Ano 3 – nº. 1. Brasília: UnB, 2004.
- _____. Tendências na Formação Continuada do Professor de Língua Estrangeira. In: **Ensino e Pesquisa**, vol.1, APLIEMG, 1997.
- ALMEIDA, E. R. de S. **A formação dos professores de classes especiais para o uso do computador na sala de aula**. Recife: UFPE, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BRASIL. Lei n. 9795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 19 de dez. de 2016.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CHAVES, A. N. **Pesquisa qualitativa em educação**. Maracaibo-Ed. Luz-La Universidade del Zulia, 2001.
- COSTA, C. A. S. da; LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental Crítica e Interdisciplinaridade: A contribuição da dialética materialista na determinação conceitual**. Revista Eletrônica da UFG, Goiás, v.3, n.1, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/27316/15464>>. Acesso em 06 de dez. de 2016.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FREIRE, O. NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, 1993.
- GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora. 1999.
- JACOBI, Pedro Roberto. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa. n. 118; USP: março de 2003. p.189-205.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: Layrargues, P. P. (Coord.) **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- MARANDINO, Marta; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Márcia Serra. **Ensino de Biologia: Histórias e Práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. 1ª ed. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.
- PRASNISKI, M. E. T.; GALLON, M. S.; SCHLEICH, A. P.; MARQUES DA SILVA, A. M. Educação Ambiental Crítica e Conservadora nas Atas do ENPEC. In: **I Encontro de Ciências em Educação para a Sustentabilidade**, Canoas: ULBRA, 2013. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ceds/1/paper/viewFile/1403/587>. Acesso em 06 de dez. 2016.

RAMOS, E. C. Educação Ambiental: origem e perspectivas. *Educar em Revista*. Curitiba, v.1, n.18, p.201-218, 2001. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/32824/20808>. Acesso em: 19 de dez. de 2016.

REIGOTA, Marcos (1998). **Desafios à educação ambiental escolar**. Educação, meio ambiente e cidadania.

SILVA, J. B. da. **As representações sociais dos professores em classes multisseriadas sobre a formação continuada**. Recife: UFPE, Dissertação de mestrado em Educação, 2002.